

# A Igreja

## Introdução

Como afirmamos anteriormente, é comum atribuir o termo igreja ao grego *ekklesia*, e, a este, atribuir os significados de ajuntamento popular ou igreja. Ao primeiro significado se atribui um uso geral, e ao segundo, um uso particular, restrito ao corpo de cristãos.<sup>1</sup> Ainda neste último sentido, ele pode ser dividido em comunidade universal ou congregação com o sentido de comunidade local, particular ou doméstica.

### ■ A Igreja nos ditos de Jesus

O termo igreja, no entanto, não aparece em alguns livros do Novo Testamento: Marcos, Lucas e João, 2 Timóteo, Tito, 1 e 2 Pedro, 1 e 2 João e Judas. Por isso, para compreendermos o que é a Igreja, começaremos pelos ditos de Jesus sobre ela, o lugar na sua pregação do Reino de Deus, sua relação com os amplos e restritos círculos que o rodeavam, e o lugar dos apóstolos desde a chamada “grande comissão”, no Evangelho de Mateus.

**Mateus 16:16-19.** A afirmação de Pedro: “Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo!” é uma revelação dada a Pedro sobre a qual a igreja é edificada, à maneira de uma casa, pedra sobre pedra. Pedro, pelo fato de ser veículo da revelação, é uma espécie de pedra organizadora, mas não justificada em si mesma, mas somente em relação às demais pedras, a todo o edifício. É preciso considerar isto quando se atribui a Pedro as chaves do Reino dos céus, pois esta atribuição é feita

---

<sup>1</sup> Seguiremos as idéias de: SCHMIDT Karl Ludwig. Igreja. In: KITTEL Gerhard (Ed.). *A Igreja no Novo Testamento*. São Paulo: ASTE, 1965, p. 15-63.

enquanto parte da igreja, não separadamente dela. A igreja não é o Reino dos céus, e esta comparação deve advertir quanto ao caráter bastante judaico de toda a passagem. O Reino dos céus é o governo de Deus que lhe pertence exclusivamente. Igualmente a menção ao Hades. A igreja é a porta de passagem para o Reino dos céus, é assim que se deve entender “ligar e desligar”, e há cuidado em manter as duas realidades separadas. A oposição do Hades deve ser entendida enquanto o que retira a vida da igreja, em termos de perseguição e oposição, ou, em relação com a confissão da igreja, em termos de lhe tirar a própria confissão.

**Mateus 18:15-20.** Aqui, a igreja é uma comunidade ou fraternidade local, composta de irmãos que se cuidam e se corrigem mutuamente. O poder de “ligar e desligar” tem a ver com a participação na vida da igreja. Este tem a ver com a oração ao Pai que está nos céus, que pode ser considerado como alternativa à expressão Reino dos céus. O Pai detém o governo do seu reino, no qual a igreja é agência e introdutora, por meio da oração. No meio dela, a presença de Jesus é assegurada.

**Mateus 28:16-20.** O pano de fundo para este ajuntamento dos onze ao redor de Jesus é o passado anterior de igreja. Desde então, ela é a reunião (çibburâ ou kenishtâ) do povo de Deus, enquanto se remanescente ou representante nos onze discípulos de Jesus, que personificavam todo o Israel que confessa ser Cristo, o filho do Deus vivo. Isto era usado tanto para a igreja quanto para a sinagoga. Os onze discípulos devem ir às nações fazendo novos discípulos, não apenas sob a confissão do Cristo, filho de Deus vivo, mas da sua autoridade como Senhor nos céus e na terra. A entrada no novo Israel será pelo batismo. E a vivência deverá ser instruída pelos ensinamentos de Cristo. Mais uma vez, a presença de Jesus é assegurada até o final dos tempos.

▴ A Igreja nos relatos de Atos dos Apóstolos

Nosso estudo bíblico-teológico sobre a igreja seguirá com os relatos de Atos dos Apóstolos. Esses relatos antecedem o texto sinótico, cronologicamente, e refletem a autocompreensão das primeiras comunidades de judeus cristãos palestinos e de judeus helenistas e gentios em território não-palestino, de se constituírem igreja. A partir deles, pode-se continuar para os usos correntes na tradição paulina, petrina e, por fim, joânica.

Considerando, de início, os registros dos Atos dos Apóstolos, deve-se começar com as evidências de Atos 2:1-47. Antes, porém, deve-se observar que o capítulo 1 de Atos é uma espécie de prolegômena lucano ao seu relato dos inícios da igreja. De início, ele afirma uma ordem cronológica que começa no dia que Jesus começou a ensinar e agir até o dia em que foi recebido em cima. Isto só ocorreu após os mandamentos que ele deu pelo Espírito Santo aos apóstolos escolhidos (1,2).

Lucas, então, altera a seqüência cronológica do relato, para descrever o período de quarenta dias em que Jesus ressurreto se apresentou por meio de diversas aparições aos 11 apóstolos, sem referência a algum lugar determinado. Nesse período, Lucas é claro em afirmar que Jesus conversou com eles sobre o reino de Deus (3). E lhes fez uma advertência: que ficassem em Jerusalém aguardando o cumprimento da promessa do Pai, acerca da qual Jesus lhes havia falado: o batismo com o Espírito Santo (4,5). Há um esforço, em Lucas, por desvincular a formação daquele grupo pela vinda do Espírito Santo com a restauração de Israel (6,7), e vincular a sua formação com a evangelização do mundo (8). Os relatos que seguem e fecham o capítulo 1 servem para re-ordenar e re-orientar o leitor quanto à composição do grupo de onze apóstolos (13), acrescido de Matias, agora doze (26), e o grupo original de mulheres seguidoras

# FNB – Faculdade Nazarena do Brasil

## TEOLOGIA SISTEMÁTICA III – Igreja, Espírito Santo e Escatologia

---

de Jesus, acrescida agora dos seus irmãos (14). Como se quisesse dizer que esta é a igreja original de Jesus.

Agora, podemos retomar o capítulo 2, de Atos. Vamos fazê-lo com a ajuda de George E. Ladd.<sup>2</sup> Lucas indica o tempo em que o Espírito Santo foi derramado em cumprimento da promessa de Deus acerca da qual Jesus lhes havia falado: o Pentecostes (1). As manifestações sonoras (o som como de um vento impetuoso) e visuais (línguas como de fogo) e orais (falar noutras línguas) apenas indicam para o evento que está acontecendo: todos foram cheios do Espírito Santo (2-4).

O dom do Espírito Santo é, portanto, o sinalizador de que aquele grupo fôra eleito por Deus para manifestar sua ação nos últimos dias (17) a fim de salvar a todos que invocarem a Deus (21). Assim pelo menos entendeu Pedro (16). A profecia de Joel 2:28,29 é chamada como prova do reavivamento profético que teria lugar durante a intervenção salvadora final de Deus para com seu povo. Já Ezequiel vinculou estreitamente o dom do Espírito com a restauração final do povo de Israel (36:22ss). A ausência do Espírito era sinal de que a ação salvadora de Deus ainda não ocorrera e deveria ser aguardada. O dom do Espírito era o sinal de que a salvação chegara. O dom do Espírito, anunciado por João Batista como indicador do Messias prestes a vir (Mar 1:8), veio sobre Jesus (Luc 3:22; 4:1,18) que afirmava agir pelo Espírito (Mat 12:28).

*Pneuma* e *eschaton* formam o significado teológico original que está na origem desse grupo extraordinário. Conforme Ladd,

Na realidade a ekklêsia nasceu no Pentecostes, quando o Espírito Santo foi derramado sobre o pequeno grupo de discípulos judeus de Jesus, constituindo-os o núcleo do corpo de Cristo. Os discípulos antes do Pentecostes devem ser considerados apenas o embrião da Igreja. A ekklêsia não é para ser vista apenas como uma comunhão humana, resultado de

---

<sup>2</sup> LADD George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1985, p. 323-335. Ver, também: GOPPELT Leonhard. *Teologia do Novo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, v. 1, p. 218-223.

uma fé e experiência religiosa comum. É isto, porém mais do que isto: é a criação de Deus através do Espírito Santo.<sup>3</sup>

Outra característica marcante desta ekklesia é a comunalidade dentro do judaísmo da época. Não se percebe, pelo relato de Atos, um rompimento com o judaísmo a fim de formar uma comunidade separada e restrita. O caráter de abertura, tão caro a Jesus, foi preservado, certamente. Também o caráter judaico dos seus componentes. Eles continuam a adorar no templo, a participar dos seus ritos e a fazer as orações judaicas. Pedro, depois de um bom tempo, alegava continuar a ser o mesmo judeu de sempre (10:14). Há algo, porém, que os distinguia dos demais partidos judeus: o ensino acerca da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo e de seu lugar na vontade final de Deus para seu povo como instaurador da nova salvação messiânica (36).

Também se reuniam nas casas onde houvesse espaço suficiente para comerem juntos e serem edificados pelos apóstolos. A refeição comum não era um sacrifício, mas a rememoração das refeições dos apóstolos com Jesus e sinal confirmatório da comunhão do Reino de Deus (46).

O grupo crescia pela adesão voluntária de outros judeus que aceitavam a proclamação de que Jesus era o Messias, ao mesmo tempo em que se arrependiam dos pecados para entrar no Reino de Deus. A adesão ao grupo era marcada pela recepção do batismo em “nome de Jesus Cristo” (38) que inaugurava a entrada na comunhão do Reino de Deus, que se manifestava historicamente no cotidiano de todos (44,45).

Atos 2 sugere que, por muito tempo, a única autoridade espiritual reconhecida na igreja de Jerusalém foi a dos apóstolos que se dedicaram à tarefa formal do ensino e da pregação (42). A ela, foram acrescentadas as lideranças dos diáconos (6:3) e dos anciãos (11:30). Aos poucos, a distinção entre a igreja em

---

<sup>3</sup> LADD, *Idem*, p. 327.

Jerusalém (8:3) e as igrejas resultantes da pregação dos dispersos pela perseguição (8:4) determinará a formação de grupos variados em toda parte da Palestina, denominados igualmente igrejas (9:31).

Este é um reflexo do fato de que todas as igrejas reconheciam que uma pertencia a outra, em virtude de todas pertencerem a Cristo. Somente podia haver uma igreja; e esta única Igreja de Deus se expressava de forma local na comunhão dos crentes. No entanto, essa unidade não era algo imposto formalmente ou mantido de forma externa; era um reflexo, na experiência concreta dos crentes, da verdadeira natureza da Igreja una de Cristo.<sup>4</sup>

Desse modo, é sempre possível pensar que onde aparece a palavra *ekklesiai*, no plural, esta se refere às comunidades particulares (16:5). Mas, quando se fala no singular, *ekklesia*, também se refere a uma comunidade particular (11:22; 12:5; 13:1. 15:4,22). Mas, há um pensamento no qual *ekklesia* designa uma construção, isto é, ela representa todas as comunidades particulares em sua relação única e exclusiva com Deus (20:28).

O atributo “de Deus” – expresso ou subentendido – aponta aquele que reúne, que faz com que os homens se reúnam. E quando se diz da igreja que ele a adquiriu (20:28), fica evidente que é Deus quem reúne os seus. À igreja pertencem todos que são dele.<sup>5</sup>

Enquanto tal, a igreja se reúne em casas particulares (Rom 16:5; 1 Cor 16:19; Col 4:15; Filemon 2). Desse modo, a igreja sempre é a totalidade dos crentes ali reunidos, não sendo, portanto, uma quantidade, mas um organismo. Cada congregação local é uma igreja total, o que significa que o poder total de Cristo está disponível a cada congregação local, que cada congregação local

---

<sup>4</sup> LADD, *Ibidem*, p. 333.

<sup>5</sup> SCHIMIDT Karl Ludwig. Igreja. In: KITTEL Gerhard (Ed.). *A Igreja no Novo Testamento*. São Paulo: ASTE, 1965, p. 20.

funciona em sua comunidade como a Igreja universal funciona no mundo como um todo, e que a congregação local não é um grupo isolado, mas está num estado de solidariedade com a Igreja como um todo.<sup>6</sup>

Em Paulo, a igreja está em continuidade direta com o povo de Deus no Antigo Testamento. Sua manifestação mais concreta se dá na assembléia dos santos reunida para o culto (1 Cor 11:18; 14:19,28,35), no qual os carismas são exercidos (1 Cor 12:8-10,28-30; Rom 12:6-8; Ef 4:4).

### ▀ A Igreja na teologia clássica

Nosso estudo iniciará pelo pensamento sobre a igreja que se constituirá entre os séculos II e V, até Agostinho. A referência ao pensamento sobre a Igreja no estudo anterior é útil para dar continuidade ao nosso estudo.<sup>7</sup> Isto se deve ao fato de que a tensão entre igreja local e universal permanecerá, porém, paulatinamente, a unidade das igrejas como uma Igreja Universal (Católica) será enfatizada às custas da autonomia das congregações locais presididas pelo bispo local. Como afirma Justino numa só alma, numa só sinagoga, numa só igreja, que é trazida à existência mediante Seu nome e que partilha de Seu nome: pois todos nós somos chamados cristãos.<sup>8</sup>

De início o termo igreja não é muito freqüente nos escritos cristãos mais antigos.<sup>9</sup> E quando os usa é nos termos do NT, isto é, o ajuntamento que habita determinada cidade. Porém, a característica principal destes escritos, e distinto do

---

<sup>6</sup> LADD, *Ibidem*, p. 498.

<sup>7</sup> Como fonte, utilizaremos a obra: KELLY J.N.D. *Doutrinas Centrais da Fé Cristã*. São Paulo: Vida Nova,

<sup>8</sup> Apud KELLY, *Idem*, p. 142.

<sup>9</sup> Cf. SCHIMIDT. *Idem*, p. 56-61.

NT, foi atribuir títulos à igreja, às vezes em termos da igreja universal, mas sempre tendo em vista a igreja local.

Alguns desses termos foram cunhados por Inácio de Antioquia: “mui digna bem-aventurada”, “abençoada na graça de Deus”, “santa, eleita e digna de Deus”, “repleta de fé”. Em seus textos se encontram dois títulos que serão os mais importantes para o desenvolvimento posterior da teologia da igreja: “unida ao bispo, como a Cristo e a Deus” e “católica”, no sentido inicial de “uma só”, mas, depois, de universal.

Ainda, outras expressões ouvidas no século II descrevem a igreja como: receptora da vida divina; corpo invisível de Cristo manifestado de forma visível nas congregações, cujos componentes são membros do corpo espiritual de Cristo; habitada pelo Espírito Santo; unida a Cristo na carne e no espírito. Essas declarações tinham por alvo descrever as congregações locais, mas fatalmente serão utilizadas para especular acerca das relações espirituais entre Cristo e a Igreja, e sobre a pré-existência da Igreja como um corpo espiritual ou esposa espiritual de Cristo antes da sua existência terrena.

Tal autoconsciência conduzirá a ver a igreja como um agrupamento de pessoas distinto de qualquer outro, especificamente: judeus e pagãos, pois eles são os cristãos. Enquanto tais, eles formam outra ou nova raça (conceito grego) ou o novo Israel (conceito neo-testamentário). As marcas principais desse novo povo serão a santidade, indicando a escolha e separação divinas para a habitação do Espírito Santo, e a catolicidade, indicando sua presença em toda a parte. Como consequência destes conceitos, as congregações locais serão vistas como partes do corpo santo e universal de Cristo, ao mesmo tempo em que este corpo santo e universal servirá para distinguir aquelas congregações locais que a ele não se vinculam, permitindo a separação entre a Igreja verdadeira e as falsas igrejas ou congregações.



Em Irineu, será perceptível essa relação. De um lado, a Igreja é uma realidade espiritual por que habitada pelo Espírito de Cristo, daí onde o Espírito está, está a Igreja, e onde a Igreja está, está o Espírito. Por outro lado, a igreja é uma realidade visível que pode ser encontrada nos seus textos e na tradição oral oriunda da fé apostólica, ambas sob a guarda dos bispos locais, encarregados de preservar a *regra da fé*: um credo mais ou menos uniformemente partilhado desde as igrejas mais antigas.

No século III, as duas concepções, espiritual e material, concorrerão entre os lados latino e oriental do Cristianismo. No lado latino, será enfatizada a congregação local e visível, à semelhança de Irineu, sob a idéia de que estar em paz com Deus era ser membro da Igreja, receber seu batismo, submeter-se à sua disciplina e ser orientado por ela, afastando-se cada vez mais do pecado que há no mundo pela prática da disciplina ou do treinamento espiritual dos pecadores.

No lado oriental, especificamente Alexandria, a ênfase será para a distinção da Igreja espiritual como a verdadeira assembléia daqueles que Deus conhece. Brota a idéia de que a Igreja é um corpo místico ou espiritual unido a Cristo pelo Espírito e distinto da Igreja material e visível. Esta distinção tem em vista a manutenção da santidade da Igreja diante do afluxo contínuo de novos membros e as conseqüentes imperfeições deles e de seus líderes. Conforme Orígenes, esta Igreja existiria antes, no Lógos; durante, em sua realidade material; e depois, para o fim a que ela se destina, quando abrangeria toda a criação, inclusive toda a humanidade.

Ainda, no lado oriental, temos a compreensão de Cipriano. Ainda que ele aceitasse a natureza espiritual da Igreja, todavia ele estava preocupado em como demarcar suas linhas históricas, visto que o critério da santidade não é suficiente, muito menos o critério da verdadeira doutrina, ambos questionados pelos debates cristológicos e rigoristas da época. Ele propõe o critério da unidade, que será

encontrada no bispo e em sua união com a sua congregação local. É famosa a frase atribuída a Cipriano: “E, uma vez que não pode ter Deus como Pai aquele que não tem a igreja como mãe, não existe salvação fora da igreja.”<sup>10</sup>

A questão da verdadeira constituição da Igreja, isto é, de que tipo de pessoas ela se compõe, provocará o grande desenvolvimento sobre sua teologia no Ocidente dos séculos IV e V, culminando na síntese de Agostinho. A compreensão geral é que, apesar da Igreja ser um corpo espiritual de Cristo e, por isso, santa e imaculada, na sua existência natural ou real, ela era composta de pecadores e de homens bons. Na medida em que se enfatizava a natureza santa e imaculada da Igreja, mais resistência se fazia à sua composição natural de santos e pecadores.

Foi essa postura assumida pelos Donatistas da África do Norte que provocou toda a reflexão sobre a natureza da constituição da Igreja. Estes rejeitavam em suas igrejas a reinserção daqueles membros que haviam cedido à perseguição de Diocleciano, inclusive os bispos desertores, considerados traidores da fé. Para eles os membros da Igreja deveriam ser realmente santos e bons e estes formavam os limites naturais da Igreja.

A reação da outra parte da Igreja, que votou por aceitar de volta os membros e seus bispos, se baseou na natureza espiritual da Igreja ligada a Cristo. Eles sustentaram que: 1. a Igreja pertence a Deus que dá o caráter permanente de santidade, não podendo vinculá-la a algum líder humano passageiro; 2. a santidade da Igreja não consiste na pureza e bondade de seus membros, mas no caráter de Deus, de Cristo e do Espírito Santo; 3. tão decisiva quanto a santidade é a unidade e a catolicidade da Igreja. Se alguém, em nome da santidade nega a Igreja, está pecando contra a sua unidade e catolicidade.

---

<sup>10</sup> Apud KELLY, *Ibidem*, p. 155,156.

Agostinho se aproveita desses postulados e os desenvolve em sua luta contra os bispos donatistas. Para ele: 1. a Igreja é o corpo místico de Cristo, terceira manifestação visível dele, as outras são o Lógos eterno e o Deus encarnado; 2. visto que a maior manifestação de Cristo é o amor de Deus, logo a Igreja é uma comunhão de amor, o qual deve estar acima de qualquer outro critério que implique o rompimento da unidade promovida pelo amor; 3. deve-se aceitar o caráter provisório e material da Igreja histórica, na qual se encontram aqueles que pertencem verdadeiramente a Cristo e que demonstram isso pela vida de amor e dedicação a ele na Igreja. Quanto a esses, apenas Deus sabe quem são, desse modo

a autêntica noiva de Cristo de fato constitui-se exclusivamente de homens bons e piedosos, mas que essa “comunhão invisível de amor” só pode ser encontrada na Igreja Católica histórica, em cujos limites homens bons e pecadores relacionam-se por ora numa “comunhão mista”.<sup>11</sup>

### ► A Igreja entre os reformadores

É importante observar a transformação das comunidades cristãs neo-testamentárias na Igreja, ao longo de acontecimentos históricos determinantes. Faremos isso com a ajuda de Emil Brunner.<sup>12</sup> A tese de Brunner é que: “a Ecclesia do Novo Testamento é uma comunhão de pessoas e nada mais. Ela é o Corpo de Cristo, mas não uma instituição”.<sup>13</sup> Para Brunner, a ênfase na Palavra, comum nas antigas comunidades cristãs, foi superada por aquilo que era periférico: a refeição eucarística que se tornou sacramento ou alimento da salvação. Ao redor dela se constitui a comunidade única de crentes em uma localidade presidida por um líder

---

<sup>11</sup> Apud KELLY, *Ibidem*, p. 315.

<sup>12</sup> BRUNNER Emil. *O Equívoco sobre a Igreja*. São Paulo: Novo Século, 2000.

<sup>13</sup> BRUNNER, *Idem*, p. 81.

monárquico chamado bispo. Desde que coube ao bispo a administração do sacramento, fez-se uma separação entre ele, o sacerdote e o povo, o leigo. O desenvolvimento final na Igreja antiga aconteceu quando o bispo-sacerdote passou a transferir a sua autoridade àqueles que ele escolhia para sucedê-lo.

Para Brunner, estes dois desenvolvimentos: sacramentalismo e institucionalismo induzidos por um episcopalismo são os responsáveis pela transformação da comunidade cristã de uma comunhão espiritual e individual em uma comunhão coletiva e sacramental. A transferência de autoridade episcopal não mais obedecia a dinâmica carismática do Espírito Santo, mas critérios estabelecidos em função do próprio ofício episcopal. O espiritual cede seu lugar ao legal e se desenvolve todo um aparato eclesiástico como consequência e para justificá-lo. O círculo se fecha quando a transferência de autoridade episcopal retorna para trás até os apóstolos, tornando-se uma transferência de autoridade apostólica.

Como depositário da distinção apostólica, coube ao bispo a sua transferência para outros por meio da imposição de mãos institucionalizada como ordenação. Inverte-se o processo que ocorria nas antigas comunidades. Nelas, a identificação da graça do Espírito justifica a função eclesial. Agora, a ordenação eclesial justifica a graça do Espírito.

Brunner conclui seu raciocínio do seguinte modo:

Fora da fraternidade "mística" enraizada na Palavra e no Espírito; fora do Corpo de Cristo cuja única cabeça é o próprio Cristo, e cujos membros são, por isso, de igual status; fora do sacerdócio real e nação santa, cresceu a Igreja – uma totalidade composta de comunidades individuais; cada uma das quais sob a jurisdição eclesiástica de um bispo, o qual, como sacerdote administrador, permanece separado do laicado receptor, porque ele controla o

sacramento, o alimento da salvação, a coisa sagrada que mantém junto os componentes individuais e os torna num coletivo solidário.<sup>14</sup>

### ► A Igreja no pensamento de Lutero

A revolta de Lutero não foi exatamente contra a igreja, mas contra a Igreja chefiada por Roma, contra a hierarquia católica, contra a lei canônica, contra a corrupção da igreja. Grande parte dos problemas da igreja foram atribuídos por ele à excessiva institucionalização. Portanto, ele preferiu pensar a igreja como o povo de Deus, a comunidade de cristãos ou como a comunhão dos santos. Para fortalecer mais ainda seu pensamento, definiu a comunidade a partir da doutrina do sacerdócio de todos os cristãos. Este nem quer dizer a abolição do clero, nem a privatização da fé. Trata-se do fato de que todo cristão é sacerdote de alguém, e somos todos sacerdotes uns dos outros. O sacerdócio é derivado do sacerdócio de Jesus Cristo e acessível pelo batismo. O ministério da palavra é possível a todos, mas nem todos podem exercê-lo. No entanto, em casos onde o ministro da palavra não exista ou esteja presente, pode qualquer cristão realizar as suas funções. Para Lutero, a igreja é “uma comunidade de intercessores, um sacerdócio de amigos que se ajudam, uma família em que as cargas são compartilhadas e suportadas mutuamente - essa é a *communio sanctorum*.”<sup>15</sup>

### ► A Igreja no pensamento de Calvino

O interesse de Calvino se voltou para a forma e organização da igreja, relacionando o seu núcleo principal: o ministério da palavra com a correta ministração dos sacramentos. Mas acrescentou a estes a disciplina como a

---

<sup>14</sup> BRUNNER, *Ibidem*, p. 90.

<sup>15</sup> GEORGE Timothy. *Teologia dos Reformadores*. São Paulo: Vida Nova, p. 97. Usaremos esta obra de Timothy George para nos orientar nesta parte do estudo.

maneira de manter os membros juntos e cada um em seu lugar. Esta significava manter a organização, mecanismo pelo qual também a santidade da igreja justificada era igualmente preservada. No intuito de preservar o equilíbrio entre a igreja visível e a invisível, entendeu aquela como uma mistura de trigo e joio, e esta como composta de todos os eleitos, que incluía desde os anjos eleitos até aqueles que não faziam parte explícita da igreja visível. Enfim, a igreja é mãe de todos os cristãos, pois nela todo cristão nasce de novo pela pregação da palavra, e é educada e alimentada toda a vida até a completa perfeição. A igreja também é escola, que instrui seus alunos no estudo de uma vida santa e perfeita, sendo que, às vezes, poderia ser um reformatório, na medida em que se encarregava de corrigir os rebeldes à instrução.

#### ► A Igreja no pensamento de Menno Simons

Conforme Simons, a igreja verdadeira era “uma comunidade intencional, constituída de elementos regenerados que voluntariamente adotavam uma vida de discipulado, empenhando-se um para com o outro num amor e numa mutualidade convencionais”.<sup>16</sup> Desse modo, ela se distinguia dos católicos, luteranos, zuinglianos e calvinistas. Antes de propor uma reforma da igreja, lutava pelo retorno da igreja à sua condição original descrita no Novo Testamento. Sua principal característica era a fraternidade ou comunidade viva de cristãos. Esta deveria possuir as seguintes características: 1. doutrina não-adulterada e pura; 2. uso bíblico dos sinais sacramentais; 3. obediência à Bíblia; 4. amor sincero e fraternal; 5. confissão corajosa de Deus e de Cristo; 6. opressão e tribulação por causa da Palavra do Senhor.

---

<sup>16</sup> GEORGE, *Idem*, p. 283.

A avaliação final de George é de que na perspectiva da Reforma, a igreja de Jesus Cristo é aquela comunhão de santos e congregação dos fiéis que ouviram a Palavra de Deus nas Escrituras Sagradas e que, com o serviço obediente a seu Senhor, prestam testemunho dessa Palavra ao mundo.<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> GEORGE, *Ibidem*, p. 313.